**AS RESPONSABILIDADES DE TODOS NÓS**

A revisão e a avaliação de uma tese de doutorado defendida por uma de minhas orientadas nesse começo de 2016 – juntamente com outra quantidade de livros acrescidos em minhas leituras durante este período – facilitou-me, em parte, a recuperação de questões fulcrais para aqui desenvolver minha tese da necessidade de utilizarmos uma nova equação civilizatória na educação. Dentre estas referências todas encontrei várias citações de qualidade esmerada, mas uma me chamou especial atenção, porque evoca a contundência que quero trazer neste apelo de que a educação deve estar mais presente neste ponto de ruptura que vislumbro para a continuidade da civilização humana. Por certo minha orientada – esta citação estava com destaque em sua tese de doutorado –, que comunga comigo tais ideias e reflexões aprovaria a utilização de tal texto para meus propósitos na mensagem do coordenador desse mês:

“Prezado Professor, sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados. Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades. Assim tenho minhas suspeitas sobre a Educação. Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos. Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e saber aritmética só é importante se fizerem nossas crianças mais humanas.” (*Texto encontrado após a Segunda Guerra Mundial, num campo de concentração nazista*)

Não precisaria dizer mais nada para ratificar minha contundência em relação à educação, até porque semelhantes eventos sucedem-se, hoje em dia, nos mais diferentes locais do mundo só que de maneira mais pulverizada e talvez sem tanto interesse da mídia. Alguns poderão dizer que o mundo é assim mesmo e que não é só responsabilidade da educação. Não sou ingênuo a ponto de não reconhecer as inúmeras implicações que outras variáveis têm neste emaranhado processo. A política, a economia, a imprensa, a geografia, as etnias... Realmente são muitas e diversas essas variáveis. Mas quem vai acomodá-las e entendê-las para que este ciclo, vivido durante o nazismo, não se perpetualize? Existem áreas mais responsáveis que outras por esta hecatombe que se avizinha? Por certo existem os mais especializados em determinados assuntos, indubitavelmente. Mas o que reitero aqui é que independentemente da profundidade com que se ataque o problema é, além de salutar, obrigatório que ao resolver qualquer problema humano a equação a ser resolvida esteja complementada por todas as variáveis que possam influir no resultado do seu entendimento. Paris, Mariana, Bruxelas, Iraque – atentado ao estádio de futebol que a imprensa pouco divulga, talvez por ser um país periférico – são exemplos contundentes que nos pedem pressa. E mais do que apenas pressa, responsabilidade com a educação que processamos.